



Fig. 1: Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, o Muncab. Fonte: <https://www.salvadorbahia.com/capitalafro/destaques/museu-nacional-da-cultura-afro-brasileira-muncab/>. Acesso em: 13/mai./2025

ARTIGO

UM MUSEU EMERGENTE: O MUSEU NACIONAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

CLÁUDIO RAFAEL ALMEIDA DE SOUZA
ABCA/BAHIA

RESUMO: Este ensaio crítico aborda a recepção e o cenário da arte afro-brasileira na cidade de Salvador, Bahia, ao ter como palco para esse cenário o museu emergente intitulado Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, que, após um tempo de portas fechadas, emergiu, abrigando exposições e mostras importantes no campo das artes visuais contemporâneas com temáticas que vão de questões como racialidade até a religiosidade afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; arte afro-brasileira; curadoria; racialidade; religiosidade.

ABSTRACT: This text addresses the reception and scenario of Afro-Brazilian art in the city of Salvador, Bahia, using as a stage for this scenario the emerging museum called Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, which emerged after a period of closed doors, hosting important exhibitions and shows in the field of contemporary visual arts with themes ranging from issues such as raciality to Afro-Brazilian religiosity.

KEYWORDS: visual arts; Afro-Brazilian Art; curatorship; raciality; religiosity.

Em determinada ocasião me deparei com o estudo produzido e defendido durante o mestrado de Hélio Menezes, intitulado “Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira”, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, sob orientação de Lilia Schwarcz, no ano de 2017. E então, na centésima página que li, resolvi escrever este ensaio crítico.

É certo que, diante do atual cenário da arte negra ou afro-brasileira que está sendo estabelecido contemporaneamente no Brasil, e em específico em Salvador, Bahia, esse estudo é de suma importância para contextualizar o aspecto histórico, bem como as iconografias e iconologias, e todos os atributos e características inerentes a essa tipologia de arte. O estudo de Menezes, além dos escritos e organizados por Diane Lima, apresenta ao leitor possibilidades finitas sobre as questões de racialidade presentes na arte afro-brasileira, hoje vista com mais acolhimento e menos dicotomias que o tempo de outrora gerava em relação à receptividade a esse tipo de artes visuais no país.

Percebo que, muito além de certa influência que a África exerce em Salvador, principalmente na cena contemporânea da arte na dita Roma Negra deste lado do Atlântico, é o que a afro-brasilidade possui e desperta no Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, o Muncab. O museu, com ênfase na valorização de aspectos da cultura de matriz africana, destaca a influência desta sobre a cultura brasileira. Nele o visitante pode ter a experiência visual de trabalhos que falam da identidade negra, da África como continente que deu origem a toda a humanidade; da questão do tráfico de pessoas que foram escravizadas e torturadas; da resistência negra, dos quilombos e revoltas; além de também ser perceptível a possibilidade de aprendizado sobre as contribuições da África e seus descendentes na culinária, religiosidade e festas populares, assim como nos esportes e na música – que é uma junção de matrizes que dão origem ao samba, semba, maracatu e outros.

Verifica-se que o papel do Muncab, além de agrupar e preservar a documentação histórico-cultural afro-brasileira,

é o de promover ações e iniciativas intercambiais com os países e culturas africanos, sobretudo aqueles de onde vieram os maiores contingentes de negros escravizados, como Angola, Moçambique e Guiné. São promovidos, também, diferentes exposições, mostras, oficinas e eventos de ordem educativa que possibilitam ao público experienciar as artes visuais apresentadas de modo mais pedagógico, com a intenção de conscientização e educação antirracista.

O que interessa discutir neste ensaio crítico é o poder performático que este tipo de arte e todo o conceito que envolve também os estudos em prol de uma conscientização e discussão das questões de racialidade cerceiam o cenário artístico no Brasil, e especificamente em Salvador, aprimorando e fazendo brilhar, deste modo, a pupila dos meus olhos. O Muncab recentemente emergiu com algumas exposições importantes para o cenário da arte afro-brasileira contemporânea, com artistas que discutem em suas obras, e traz toda uma representatividade que busca alimentar o *ego conquiro* e cartesiano,

anteriormente condicionado à estética da branquitude e que hoje está condicionado a quem faz e recepciona também a cena contemporânea da arte afro-brasileira, que está exposta não mais para tombamento, causar, afrontar ou escandalizar o cenário artístico.

Muito além dessas impressões, o espectador que foi visitar as exposições “Um Defeito de Cor”, que esteve em cartaz de 6 de novembro de 2023 a 3 de março de 2024 e reuniu mais 350 trabalhos de 100 artistas do Brasil, da África e das Américas, ou a exposição “Raízes: começo, meio, começo”, produção artística e visual de mais de 80 artistas e 200 obras de arte sob a curadoria de Jil Soares e Jamille Coelho, em cartaz de 19 de julho de 2024 a 9 de março de 2025, ou ainda “Òná Ìrìn: Caminho de Ferro”, da artista Nádia Taquary com curadoria de Marcelo Campos, Ayrson Heráclito e Amanda Bonan, além do projeto expográfico assinado pela arquiteta Gisele de Paula, em cartaz de 28 de novembro de 2024 a 23 de março de 2025 – ou mesmo conheceu a última exposição em cartaz, intitulada

“Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira”, de 29 de março de 2025 a 31 de agosto de 2025, sob a curadoria de Deri Andrade e que reuniu mais de 150 obras de mais de 60 artistas, oferecendo um panorama da produção negra no Brasil, numa parceria com o CCBB/ Salvador, com patrocínio do Banco do Brasil via Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura –, submeteu-se às experiências diversas que envolvem a racialidade e o que implica a cultura afro-brasileira, o pertencimento, a (auto)representação, o ativismo negro, as masculinidades negras, o feminismo negro etc.

Destarte, vemos como o cenário contemporâneo da arte afro-brasileira está evoluindo com base em grandes nomes que fizeram parte, ou melhor, que se inspiraram e tiveram influência direta e imediata do Movimento Negro Unificado e também do Teatro Experimental do Negro. Nomes

Fig. 2 e 3: Cartaz e vista da exposição “Um Defeito de Cor”. Fonte: <https://arteref.com/exposicoes-e-eventos/museu-nacional-da-cultura-afro-brasileira-reabre-em-salvador-apos-anos/>. Acesso em: 13/mai./2025





importantes do tempo de outrora para o cenário da arte afro-brasileira como Heitor dos Prazeres, Emanuel Araújo, Rubem Valentim, Mestre Didi e Lita Cerqueira, bem como artistas visuais relevantes da contemporaneidade como Adriano Machado, Aislane Nobre, Mário Vasconcelos e Milena Ferreira, são artistas fazedores de artes afro-brasileiras contemporâneas.

Diante do supramencionado, vê-se como a arte afro-brasileira, depois de um determinado tempo de pausa, voltou a ser visibilizada e realizada por curadores e artistas negros e/ou afrodescendentes. Isso implica o discurso sobre a racialidade e tentativas de não apagamento de memórias afrodiaspóricas, que cerceiam contemporaneamente os trabalhos de artistas de diferentes lugares do mundo. Com isto posto, verificamos que, além do discurso de racialidade e não silenciamento

de memórias afro diaspóricas, tem-se o intento através da fatura das artes visuais afro-brasileiras de realizar discussões que envolvam também a questão *queer*, a lgbtfobia e outras diferentes expressões que dão visibilidade e questionam problematizações sociais enraizadas ou estruturadas na sociedade - ao ter em vista que, muito além da estética da beleza, tem-se uma estética de (auto) representação, ativismo e produção de contranarrativas históricas, com vistas a valorizar debates insubmissos que procuram legitimar a arte afro-brasileira no país, especialmente a arte afro-brasileira criada por artistas da Bahia. Essa possibilidade vem se estendendo desde a época do “1º Congresso Afro-Brasileiro”, 1923, e por meio de artistas que se aproximam do concretismo, como Rubem Valentim, até artistas e curadores como Ayrson Heráclito e Emanuel Araújo, figuras importantes que buscaram dar visibilidade à arte afro-brasileira não somente na sua execução, como também na curadoria e montagem de exposições que visavam e visam dialogar com problemáticas que

tangenciam as questões raciais e todo um complexo estético.

Pode-se dizer, assim como Hélio Menezes (2017), que a arte afro-brasileira contemporânea se faz presente nas últimas décadas com o intuito de alargar pesquisas curatoriais e também buscar dialogar com questões raciais que permeiam o cenário da arte contemporânea. Deste modo, exemplifica-se que curadorias como as que estão sendo realizadas atualmente no Brasil, e especificamente na cidade de Salvador, no Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, remontam

Fig. 4: Exposição “Raízes: começo, meio, começo”. Fonte: <https://letsqobahia.com.br/noticia/default/exposicao-raizes-comeco-meio-e-comeco-ja-atraiu-mais-de-35-mil-pessoas-ao-muncab>. Acesso em: 13/mai./2025.



Fig. 5: Cartaz da exposição “Ônã Irin: Caminho de Ferro” Fonte: <https://museuafrobrasileiro.com.br/index.php/tag/exposicao-ona-irin-caminho-de-ferro/>. Acesso em: 13/mai./2025.



aos estudos curatoriais e exposições de outrora que buscaram como ponto norteador as teorias e classificações estabelecidas por célebres etnólogos, africanistas, antropólogos, museólogos e curadores, lembrando pesquisadores e críticos como Nina Rodrigues, Manuel Querino, Mário de Andrade, Luís Saia, Arthur Ramos, Mário Barata, Clarival do Prado Valadares, Marianno Carneiro da Cunha, Abdias do Nascimento, Lina Bo Bardi e Emanuel Araújo. Esta ordem que segue as figuras ilustres representa uma cronologia do estudo, crítica e curadoria das artes afro-brasileiras no Brasil, e tem como museus precursores nessa tipologia de artes visuais o Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – Mafo, em Salvador, e também o Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo.

Os museus citados acima são precursores em evidenciar a construção de contra narrativas que buscam dialogar com a racialidade e problematizações que envolvem a arte africana e afro-brasileira. Dito isto, verifica-se que, muito além de uma estética que preza pelo belo como fator decisivo da arte, o fazer artístico do artista afro-brasileiro – ou até mesmo daquele que não tem a tez negra, mas que representa nas suas obras a afro-brasilidade, fazendo assim arte afro-brasileira, seguindo exemplos da conceituação citada por Hélio Menezes (2017) em relação a trabalhos de artistas como Djanira da Motta e Silva,

Fig. 6: Exposição “Ôná Ìrín: Caminho de Ferro”. Fonte: <https://museuafrobrasileiro.com.br/>. Acesso em: 13/mai./2025.



Fig. 7: Cartaz da Exposição “Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira”. Fonte: <https://encruzilhadas.projetoafro.com/>. Acesso em: 13/mai./2025.

entre outros artistas que desenvolvem como temática a afro-brasilidade e a afro-religiosidade – apresenta o intento de preservar a memória, a ancestralidade, a identidade e, acima de tudo, promover diálogos inerentes às questões da racialidade.

Lembramos que, muito além de uma estética enraizada no discurso eurocêntrico, a arte afro-brasileira ou aquela que busca na sua estética representar a afro-brasilidade muito contribui para a construção de contranarrativas



que envolvam discursos antirracistas e com teor de tolerância religiosa.

Se formos verificar o histórico das apresentações e representações do devir negro, estaríamos a elucubrar uma série de fatores que implicam a construção de contranarrativas que buscam dialogar com o feminismo negro, masculinidades negras, homoafetividade, a questão *queer*, entre outras problematizações sociais que buscam evidenciar o poder performático das artes afro-brasileiras, seja no teor estético de questionamento ou mesmo de (auto) representação. Digamos que seria um modo de transcender as mazelas sociais com o intuito de homogeneizar e dar a ver e rever essa tipologia de artes visuais na sociedade contemporânea, levando em conta as questões que envolvem o negro racializado. Assim, busca resgatar e valorizar a memória e a identidade afro-

brasileira, questionando desta forma a estereotipia e a preconceituação do negro afro-brasileiro.

Fig. 8: Exposição “Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira”. Fonte: <https://jornalgrandebahia.com.br/2025/07/salvador-exposicao-destaca-protagonismo-feminino-negro-na-arte-brasileira-no-muncab-durante-o-julho-das-pretas/>

REFERÊNCIAS

LIMA, Diane (org.). *Negros na piscina: arte contemporânea, curadoria e educação*. São Paulo: Fósforo, 2023.

MENEZES, Hélio. “Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira”. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017 novamente. Disponível em:

https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5307711

<https://museuafrobrasileiro.com.br>. Acesso em: 13/mai./2025.

<https://encruzilhadas.projetoafro.com/>. Acesso em: 13/mai./2025.

CLÁUDIO RAFAEL ALMEIDA DE SOUZA

Museólogo pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – FFCH/UFBA. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia – EBA/UFBA com concentração em História, Teoria e Processos. Especialista/MBA em Educação, Cultura e Diversidade pelo Centro Universitário Uniasselvi.